



# O Gaiato

17 DE MAIO DE 1969

ANO XXVI — N.º 657 — Preço 1\$00

## OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* O JINZINHAIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## MALANJE

Aflitas que andam tantas senhoras para se encontrarem e se realizarem. Procuram algo de candeia na mão ou à luz do sol. Sentem de algum modo o peso da carga. Sonham com enlevo no vislumbre duma doação total.

Cristãs, filhas de Deus — inerente, a obrigação de apostolado.

O amor aos outros sempre a apertar como nó...

Depois, as badaladas claras da voz do Senhor:

«Vem e segue-me.» «As raposas têm as suas covas.» «Aquele que não deixar...» «Deixa que os mortos...»

É de duas senhoras que nós precisamos. Que queiram ser

mães dos rapazes; orientem a rouparia, despensa e cozinha.

Terão tudo se deixarem tudo.

E também de uma professora para a nossa escola.

«Tu vem e segue-me». E os pescadores nem olharam o lago, nem as redes... ficaram presos no olhar de Jesus e foram atrás.

De Lisboa a Malanje são nove horas de avião.

Decide.

O «Belotas» com o sangue fraco; o Tonito que ainda mijava na cama; o «Stringuelinhas» que por vir tão magrinho precisa mais de carinho — esperam por ti.

x x x x

Há tanto tempo! que nem

sei. Venho hoje dizer-te do que nos dá. Mas só por alto. O requinte, a beleza dos gestos, a grandeza no amor só o Senhor anota em pormenor. E foi: Não sei bem dar contas. Sei que no Natal fomos tão acarinhados! Foi de Luanda, Henrique de Carvalho, Dundo, Cambambe, Negage, Carmona, e Salazar. Foram de Malanje tantas casas comerciais, os Bancos e tantos amigos que nos visitaram. Entreguei ao Fernando um grande envelope cheio de papelinhos e cartas de tuas ofertas; mas ele meteu-me na ordem dizendo que só daria conta do que nos deram na Páscoa, pois o resto já ia tão longe.

Por isso aqui estou a pedir-te perdão. Na impossibilidade de apontar tudo, entreguei ao Senhor para que tomasse nota e eu rezei por ti.

Padre Telmo

## NOTA DA QUINZENA

Foi admirável a reacção à carta publicada sob esta epígrafe em 19 de Abril! De norte a sul, uma onda de tocados desabou sobre Paço de Sousa e o Lar do Porto. Cartas, telefonemas, entidades particulares e oficiais multiplicaram os oferecimentos de solução. De modo que, até para o epiléptico surgiram duas hipóteses de estadia enquanto a mulher se curasse num sanatório. Também muito dinheiro e alguns propósitos de continuar enquanto necessário. Admirável, na verdade, este testemunho de que a solidariedade ainda não é palavra vazia neste pobre mundo

em que tantos se perseguem e destroem!

Porém, o problema caiu em ponto morto e não sei bem quando, ou se chegará a sair-se dele. A mulher já me avisara de que não podia deixar o marido perante os seus protestos de que se mataria. Insisti, tornei a insistir. Eu próprio procurei convencer o homem, que sempre acabei por encontrar e achei um débil mental, mas com grande ascendente sobre ela... Nada; até ao presente, nada! Ele deixa sempre para o dia seguinte resolver se há-de ou não seguir um dos caminhos que se lhe abriram; ela, que ele a não deixa

ir e que não vai... E não saímos disto.

Já lhes disse que outro auxílio não prestaria senão ajudá-los a recuperar ou, ao menos, melhorar a saúde, para que pudessem libertar-se, quanto possível por si próprios, do beco de miséria sem saída em que têm vivido.

Acabo de regressar do Porto. Deixei em mãos amigas e muito capazes a difícil tarefa de prosseguir a tentativa de os convencer a tratarem-se, embora tal importe a separação temporária de todos os membros daquela frágil família. Esperamos os resultados

Cont. na 4.ª página

# Lourenço Marques

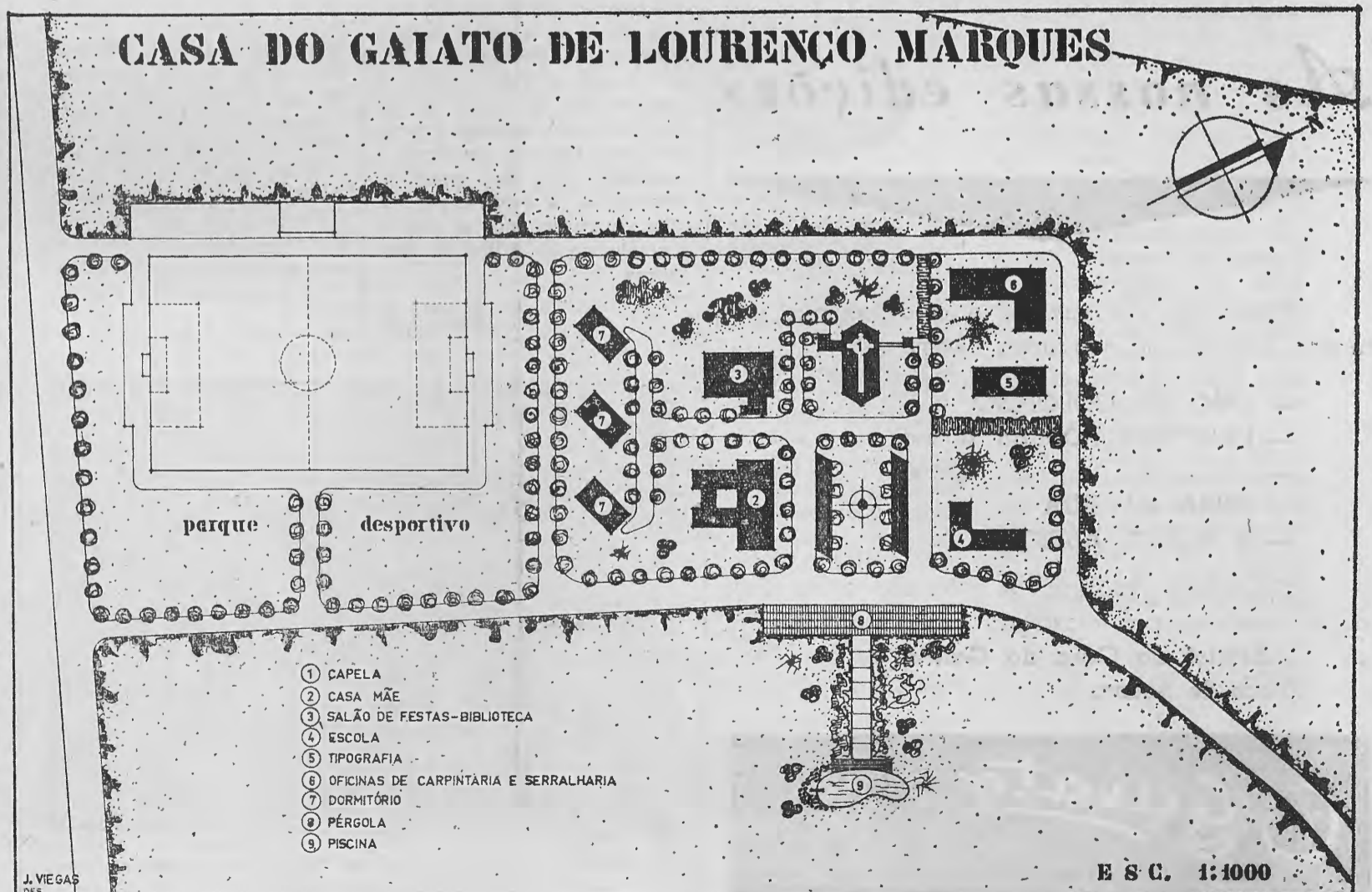
É o momento de sair à rua e dizer a toda a gente conhecedora da nossa Obra, que estamos a construir a Casa do Gaiato de Lourenço Marques, para os abandonados de Moçambique.

A primeira série de construções é a mais urgente e árdua. Compreende as oficinas de carpintaria e serralharia e seu apetrechamento de máquinas, já orçamentado em cem contos para a primeira; a instalação de energia eléctrica e seu posto transformador no seguimento da extensão da rede de alta tensão que a Sonelva já prometeu (Se não demorar será oiro sobre azul!); a captação e reservatório de água potável; a Casa-Mãe com padaria e lavandaria em anexos e uma casa de habitação, para onde possa mudar-se toda a comunidade.

A segunda fase será iniciada pelas Escolas (que benéfico se fossem já), a Capela e mais casas de habitação. Outro grupo de oficinas — tipografia, alfaiataria, sapataria e ainda o salão de festas e biblioteca. Não ficaremos ainda por aqui. Mas já sobra para os próximos seis anos a não ser que haja alguém com rasgada generosidade, que, para encontrar um tesouro na outra Vida, ponha o actual aqui a render. Não é desvio de cambiais. É contrato do Evangelho.

Para já estamos no começo. Diria Pai Américo: e que começo! Ele representa a maturidade da Obra que lhe nasceu. É a primeira vez que um rapaz criado dentro de portas é ele mesmo o mestre e responsável por todas as construções duma Aldeia do Gaiato. O Quim tem vinte operários, para já, sob as suas ordens. É a primeira vez

Continua na QUARTA página



J. VIEGAS DES.

E S C. 1:4000



«A criança tem direito, desde o nascimento, a um nome e a uma nacionalidade». (Da «Declaração dos Direitos da Criança»).

Chegou-nos há momentos mais um habitante para a aldeia. Cinco anos buliçosos, cara alegre, olhos melgos a exigirem uma carícia. Recebido com tutela do Tribunal, não nos venham amanhã roubá-lo! Na cédula, dois traços nos lugares próprios para a indicação dos nomes dos progenitores. Um caso semelhante a tantos outros entre aqueles que são nossos. Adida por algum tempo ainda a plena tomada de consciência do drama que, sem culpa sua, marcou o pequeno Vitor à nascença. Na parte interior da capa do documento referido o averbamento do respectivo Baptismo, como a lembrar-nos a sua filiação divina e a condição de irmão nosso, em suma, a presença de outro Cristo.

Um dia, ao orientar as instalações pecuárias segundo moldes racionais, pretendemos colocar também, numa lousa de pedra individual, o nome de cada animal e a respectiva progenitura. Já aqui contámos como desistimos de fazer o que diz respeito ao segundo propósito, reservando tal para uma pasta particular sita no escritório, não fosse algum Rapaz advertir o facto e fazer comparações. Quando surgiu o novo tipo de bilhete de identidade, que aliás para pouco, ou nada, serve, só encontrámos nele uma vantagem: a situação de igualdade em que todos nos personalizantes e contudentes, vimos colocados, sem traços despor não registar a filiação... Se até os cachorros e os felinos dos jardins zoológicos, para lá de epitáfios mais ou menos doentios, têm muitas vezes gravadas «nas pedras tumulares» a ascendência, porque negar a Irmãos nossos esse direito, na vida e na morte?

Não nos repugna, em princí-

# Aqui Lisboa

pio, aceitar como possível a geração espontânea, que nada, antes pelo oposto, abalaria a majestade do Criador. Certo é, porém, que tal ainda não se provou. Como compreender, pois, a iniquidade de haver alguém sem filiação? A mente ocorrem-nos os versos do Poeta, impetrando do Senhor compaixão ante a nudez dos pezinhos da criança marcando a neve... A poesia não resolve todavia os problemas por mais que os possa dulcificar. Estão em jogo pessoas, nos seus direitos inalienáveis, às quais as leis deveriam ocorrer solícitas, suprimindo aquilo que lhes foi negado e chamando os culpados ao cumprimento dos seus deveres. Por isso aqui estamos a protestar, com a autoridade de quem vive e sente como na sua própria carne e no seu espírito, os dramas pungentes de muitos d'Aqueles que lhe estão confiados. Por exemplo e à sorte, ao lado da sala em que escrevemos, entre seis Rapazes, estão três nas condições expostas. Por eles e por todos os que não conhecemos, escrevemos estas humildes, que queríamos enérgicas, palavras.

Toda a criança tem direito, desde o nascimento, a um nome, diz o princípio 3 da «Declaração» acima apontada. Ora, ter direito a um nome significa, ao fim e ao cabo, ter jus aos apelidos dos seus progenitores.

Visado pela  
Comissão de Censura

Por uma ou duas palavras também se individualizam os animais ou as plantas e até os objectos. Se as leis obrigassem os autores da vida a assumir os seus deveres estaria assegurado aquele direito; de contrário, não. Se os fracos não encontram na legislação a defesa contra a prepotência, o desleixo e a incúria dos homens, quem será capaz de os proteger? Se «a criança, tanto quanto possível, deve crescer sob a salvaguarda e responsabilidade dos pais», quem lhe garante e vela por aquele «quanto possível»? Se «a criança deve beneficiar de uma protecção especial»; se «deve ter possibilidades e facilidades, por força da lei e outros meios, para que possa desenvolver-se de maneira sã e normal no campo físico e intelectual, moral, espiritual e social, em condições de dignidade e de liberdade», de que estamos à espera? Se «na adopção de leis com este objectivo, o interesse superior da criança deve ser a condição determinante», não será de elementar justiça obrigar os «geradores» a assumir os deveres de pais, a começar pela imposição dos próprios nomes? Ou não haverá neste País Homens corajosos, capazes de pôr as coisas nos seus devidos lugares?! Queremos acreditar que sim.

O pequeno Victor chegou. Tanto quanto se possa, procurar-se-á fazer dele um Homem e um Cristão. O que será difícil, estamos certos, é apagar da mente a revolta que lhe causará um dia a tomada de consciência da recusa injustificável de direitos sagrados, pessoais e intransmissíveis: ser filho de A e de B; e, lógico e consequentemente, ter um nome como o comum dos mortais. E a sua revolta ou reacção não se cingirá apenas aos que o geraram, mas também alcançará a sociedade que tal permitiu, deixando-o, à partida para a vida, marcado com o ferrete ignominioso de «filho de ninguém».

Padre Luís

Pegando na nossa agenda vi que já não damos notícias das vossas presenças desde o Natal. E este ano temos sido mais amparados, especialmente, pelos habitantes de Coimbra. As nossas obras têm sido fermento de mais colaboração.

Mil e quinhentos para os Pobres e para «uma pedrinha», de senhora muito presente; 20\$ em carta; 710\$ dum cinzeiro transformado em mealheiro. «E se 10% dos carros portugueses assim fizessem?» Mil de Confreência Vicentina; cem de Senhora de muitas vezes; a lembrança mensal de senhora dum café; cem da Praça do Comércio; mimos que fomos buscar; um caixote de bananas; 5 bolos-rei.

A visita dos amigos da 1.ª hora que este ano vieram no dia primeiro e nos encheram de carinhos; vinte em carta; o mesmo do mesmo modo; 50\$ de B. F. de Velho amigo; mil e quinhentos para o nosso Zé; quinhentos dum Pároco; quinhentos do Grémio de Panificação; quatrocentos entregues em S.ta Cruz; mil dum sacerdote; cem entregues a um vendedor; mil dum sacerdote. Tem sido para mim uma grande força a presença dos sacerdotes.

Cem num armazém; 20\$+50\$+100\$ numa reunião; factura paga e 500\$ num bazar; cem de Maria; quinhentos em vale; cinquenta de anónima; vale de cem; 206\$20 dum grupo; cem à mão; cinquenta do mesmo modo; mil à mão; mil dum sacerdote; quinhentos doutro; cem à porta de S.ta Cruz; 100\$+100\$+40\$ numa reunião; 126\$ de um grupo; vinte de professor primário que dá a mão muitas vezes; mil entregues por senhora que nos aparece muito; mil dum sacerdote; cinquenta à mão; cinquenta mensais de um grupo de cursistas; vinte à porta de S.ta Cruz; 150\$ de um dos nossos que agora não pode mais e 200\$ doutro; cinquenta no aniversário; 220\$ e farinheiras levados ao Lar.

Cinquenta e bolo levados ao Lar; vinte e bolo do mesmo modo; muitos retalinhos em loja de fazendas; cem à porta de S.ta Cruz; mimos de estudantes de S. José; mil de quem muitas vezes ajuda; cem em S.ta Cruz; cem de vizinhos do Lar. 20\$+100\$ numa reunião; vinte na mão; cem em S.ta Cruz; 250\$ de senhora de todas as festas; quinhentos em vale; amêndoas dos Funcionários da Secretária da Circunscrição Técnica dos C. T. T. Nós somos ali muito ama-

# Tribuna de Coimbra

dos e estimados.

Garrafas de vinho fino dum dos nossos para a Páscoa; 20\$ a um vendedor «para uma telha»; amêndoas da mercearia que nos amima muito; 50\$00 de «Velha amiga» para um vidro; mais para uma telha; quinhentos na benção da casa de quem nos dedica parte da sua maternidade; cem no Lar por um grupo de pequeninos; cinquenta dum criada e e 70\$ no mesmo sítio; 50\$00 o mesmo doutra; 341\$20 dum grupo de cursistas; 300\$ doutro; louças e azulejos da Esaco. Que alegria senti naquele dia! Espero que a Césol e Reunidos dos Fornos nos dêem o resto. Cincoenta pelo fiscal do Teatro Avenida; 100\$+100\$+60\$ em S.ta Cruz; noventa à porta do Correio; 700\$ na rua; cinquenta a um vendedor a pedir uma missa e o mesmo para as obras; 50\$ no café «para a despesa dos Rapazes»; cem para o Calvário

E agora o que nos têm deixado na Casa do Castelo: cinquenta, vinte à mão, cinquenta, vinte «para juntar nas migalhinhas», cem a pedir 3 missas, gabardines, roupas, calçado, remédios, revistas, setenta, cem para Missas, 120\$+20\$+75\$00, 20\$ vindos do Porto, duzentos cinquenta a pedir uma missa, 400\$+50\$+50\$ a pedir 2 missas, 400\$ das Amiguitas, cem a recordar a Mãe, mais cem.

Duzentos «de uma leitora de «O Gaiato» de Castelo Branco, primeiro ganho; quinhentos de um jovem casal de S. João da Madeira agradecido a Deus pelo primeiro filho; duzentos da Farmácia Normal de Lisboa; cem de senhora da Bobadela; duzentos de senhora de Lisboa; cem de Nampula pelo Banco Borges & Irmão; cem da caixa dos voluntários dos C. T. T. da Lousã; quarenta de Lourenço Marques; duzentos de Engenheiro de Lisboa; cem de Barcelos; cinquenta em vale da Figueira; cem na Figueira ao vendedor; cem em vale da Figueira; cem todos os meses de Vilar Formoso; 250\$ de Cantanhede; mil de S. Pedro do Sul para ajudar o nosso Zé; a presença do «grupo de amigos de Pombal»; vestuário e panos de Covilhã.

Cem em vale de Lisboa; 150\$ de Lisboa; 35\$20 de V. V. de Ródão; cem por Paço de Sousa; quinhentos de Alberto; um sacco de calçado de Benfica; duzentos de Tentúgal; 500\$ a um vendedor da Covilhã; cem de Leiria; quinhentos no Montepio de Lisboa; 200\$ e mais 50\$ das Caldas da Rainha; dez dólares de Velha Amiga de San Diego; quinhentos do Brasil, de antigo vizinho; quinhentos de vizinho de Miranda do Corvo; mil de Galizes «de quem sempre nos ajudou»; 150\$ do Avelar por alma do Pai; mil em cheque

## As nossas edições

Possuimos em estante e à disposição dos nossos Amigos as seguintes obras:

- OVO DE COLOMBO
- PÃO DOS POBRES II vol.
- " " " III "
- OBRA DA RUA
- A PORTA ABERTA

Se deseja adquirir os referidos livros faça o seu pedido, por carta ou postal, dirigido à:  
Editorial da Casa do Gaiato  
Paço de Sousa.



O velho casal agrícola a pouco tempo de se transformar em casa mãe da nova Aldeia







O João e o Lúcio acabam de sair do escritório. Dois garotos encantadores, chegados há pouco de Vila Nova do Seles. O João tem 11 anos e o Lúcio, seu irmão, anda nos 6. Veio dizer-me que lhe doia a cabeça e tinha febre. A nossa enfermaria que, normalmente, está sem ninguém, agora é raro o dia que um não vá poisar numa das doze camas que a compõem. É a febre de Hong-Kong, dizem. Mas não tem havido casos graves e a todos temos dado solução.

Esta crise tem dado oportunidade a manifestações de carinho e verdadeiro espírito familiar. Os irmãos com saúde levam o comer aos irmãos doentes. E por vezes é necessário pôr-lho na boca. Assim tem sucedido. Momentos altos de vivência familiar!

Além desta, outra razão me leva a trazer o João e o Lúcio à cena. Há meses que esperavam o dia de entrada em nossa Casa. Há meses que as cartas aguardavam a nossa resposta, porque queríamos fosse afirmativa, e no momento não o podia ser. Mas um facto nos decidiu a dizer o sim, depois de tanto tempo de espera.

Os dois pequenos ficaram sem o pai muito cedo. Os sinais eram claros de que passavam fome. Tinham mais irmãos. Não os podíamos receber a todos. Pessoas da terra tomaram conta ora de um, ora de outro. E estes dois vieram para nossa Casa. Com entusiasmo demos casa a estes dois garotos. Com alegria ajudamos as pessoas da terra que já haviam tomado à sua conta parte da responsabilidade na solução deste grave problema.

Este facto chamou a nossa atenção porque normalmente

da Figueira; 150\$ ao vendedor de Castelo Branco; 2 camionetas de tijolo de Vila Nova de Anadia; muitos embrulhos na Covilhã, Fundão e Castelo Branco; dólares da Covilhã para uma casa «Vontade do Senhor».

Fomos pedir às Missas das cidades de Tomar, Leiria, Castelo Branco e Covilhã. Todos nos receberam bem, embora trouxéssemos quantias pequeninas. Estamos certos de que deixamos boa semente.

P. S. — A nossa romaria das festas estava a terminar, mas chamaram por nós da Lousã, Cantanhede e de Pombal. Dissemos que sim. Será pois em Cantanhede em 24 de Maio, Pombal em 31 e Lousã em 14 de Junho.

Contamos com as casas a reventar, como aconteceu em todas as terras onde fomos.

Padre Horácio

não tem sido assim. Escolher o caminho mais fácil; fugir à responsabilidade; atirar para cima dos ombros dos outros responsabilidades que tocam a todos, é norma corrente. Com este caso tal não aconteceu. As pessoas fizeram o que podiam. Não viraram as costas à luta. Tomaram sobre os seus ombros parte do peso e pediram ajuda para a outra parte. Que belo que isto é! Se em todas as terras houvesse um grupo de gente desta tempera, disposta a renunciar já não digo só ao supérfluo, mas a alguma coisa que faz verdadeiramente falta a favor dos que nada têm, estes problemas teriam solução mais humana e as Casas de Assistência teriam dentro de suas portas só aqueles que lá deviam estar.

Padre Manuel

## Uma carta

«Sou uma jovem do Porto, estudante do ensino superior, que já há largo tempo tem contactado directamente com a Vossa Obra, principalmente, através do jornal «O Gaiato».

Dizer-vos o que sinto quando o leio ou o quanto admiro e respeito a Vossa Obra não o poderia jamais, pois as palavras não o conseguiriam. Quisera ter forças para gritar bem alto um «obrigado», mas sou fraca. Obrigado por tudo o que me têm feito, através da leitura dos jornais e livros e obrigado por tudo o que têm feito a meus irmãos.

Há algum tempo atrás passei pelo Calvário e lá conversei com algumas pessoas. O tempo foi pouco, mas pude ver muito, sobretudo que os doentes gostam de receber visitas, não turistas, mas amigos. E daí surgiu-me uma ideia. Porque não lançam no Vosso jornal um apelo? Porque não dizem isto aos leitores? Talvez se organizem grupos para passar algum tempo, algumas tardes com os doentes, conversando com eles, ajudando-os a esquecerem o seu sofrimento. Eu não sei se seria possível, mas penso que muita gente estaria disposta a isso. Aliás, não é nada de extraordinário, se não considerarmos extraordinária uma visita a um irmão doente. Desculpem a sugestão, se ela é descabida.»

Costuma dizer-se que a falta de notícias é sinal de boas notícias. Há muito que não dizemos nada do nosso Lar. Hoje queríamos aparecer com boas novas, mas de tudo se vai compôr esta crónica. Também aqui, na vida de cada dia, há altos e baixos e horas de satisfação alternadas com outras de incompreensão e amargura. A falar verdade estas últimas têm aparecido em maior número.

Se os rapazes são a razão de ser da Obra, é deles que vamos falar em primeiro lugar.

Não tem sido difícil estabelecer camaradagem e boa harmonia entre os que estão e os que chegam de novo. O que, porém, ainda não conseguimos, foi que eles considerassem a Obra como uma família, como uma coisa que é sua. Desgostamos o desinteresse que manifestam pela venda do jornal, pelo arranjo da casa, pela conservação dos objectos, dos móveis, etc. Para a maioria, o Lar nada mais é do que um lugar onde comem e dormem. A mesa há-de ser posta e a roupa há-de estar lavada, mas nenhum deles procura saber se isto é fácil ou difícil. Durante algum tempo existiram serões que mais eram horas de convívio, em que se efectuavam pequenos trabalhos a favor da Obra. Não foi possível continuar porque a má vontade era notória. E agora pergunto: que terão os nossos leitores com isto?

«O Gaiato» é lido só por aqueles que nos amam e por isso o desabafo de hoje, outra coisa não é do que uma conversa familiar. Mas vamos mudar de assunto. Falemos em seguida do grande acontecimento da Festa dos Galatos no Teatro Ribeiro Conceição, desta cidade.

Quando lerem este número de «O Gaiato», já vai longe o tempo pascal; no entanto, creiam que os lembramos todos junto do Senhor Ressuscitado. Depois do último artigo, continuaram a vir mais roupas de criança das seguintes localidades: Da Figueira da Foz, D. Beatriz Cardoso, por ela e pessoas amigas, mandou-nos uma grande encomenda. Ferreira do Alentejo, também disse presente. De Lagoa — Bragança, foi assim: «Mandei hoje uma encomenda de roupas, feitas de retalhos, por mim, nas horas vagas, para essas crianças de que fala». Graças a Deus que ainda há pessoas que aproveitam o tempo livre dos seus afazeres, para trabalhar para os seus irmãos em Cristo. Vila Nova de Foz Coa, também não ficou atrás! De Lisboa, 2 fatos de homem, e outro de Porto Mós; em vez de um pobre vestível três! Torres Novas também se associou à procissão. De Valbom, 1 senhora já muito conhecida, contribuiu com o que lhe foi possível. Mais 2 senhoras, de Lisboa, estiveram presentes. E hoje acabo de receber 2 encomendas que foram ter à Casa do Gaiato de Paço de Sousa. É do Porto, de D. Maria Adelaide, que me trata por menina, e pede desculpa se este tratamento não me agrada, porque na idade dela tem a impressão que sou muita novinha. Apesar de já ter feito 2 vezes 25, considero-me ainda jovem e gosto

# Lar Operário em Lamego

Há já 3 ou 4 anos consecutivos que o espectáculo se realiza. Este ano esteve por um fio a vinda dos queridos rapazes de Paço de Sousa. Talvez não fique mal perguntar se Lamego merece esta visita. É certo que a cidade, na sua maioria se movimentou e que foram muitas as provas de estima e alto apreço que notámos no preparar da festa. Queremos agradecer às Autoridades as facilidades concedidas para o seu bom êxito, a boa vontade e generosidade da Gerência do Teatro e de todos os que ali trabalham; a atitude dos Bombeiros e muito particularmente da P. S. P.. Vai uma palavra especial de gratidão para quem se comprometeu a vender os bilhetes. Há, todavia, o reverso da medalha que também queremos mostrar.

Desta vez não se viu o leitor a indicar que os bilhetes estavam esgotados... Muitos à saída nem sequer olharam para as capas... e outros assistiram mesmo ao espectáculo sem dar a sua colaboração. Mas há mais.

Todos os 15 dias vende-se o jornal «O Galato» que também chega a Lamego. E enquanto nas outras terras e ci-

dades a venda aumenta de número para número, aqui acontece precisamente o contrário.

O amor pela Obra do Padre Américo quando não se puder manifestar doutro modo, ao menos que se pronuncie pela compra do jornal que serve a Obra da Rua. Muitas associações e colectividades vivem com a ajuda de cotas pagas mensal ou anualmente. Nada disto temos, nem pedimos para o Lar de S. Domingos, mas ao menos contávamos que Lamego ajudasse a Obra, adquirindo o jornal «O Galato».

Acresce que a sua leitura é fonte de ensinamentos e doutrina certa que leva a viver o maior dos Mandamentos. Algumas vezes se tem dito e volta-se a afirmar que o valor de «O Galato» não se mede pelo tamanho, ou pelo seu formato, mas sim pela vida, pelo bater do coração, pelo amor que sentimos aos nossos irmãos quando os nossos olhos poisam sobre o que ali vem escrito.

Outras terras pediram a visita dos Galatos da P. e Américo e não foram atendidas. É bem que Lamego saiba apreciar esta honra e que tudo faça para que eles voltem no próximo ano.

Padre Duarte



até desse tratamento. A outra encomenda, não sei donde veio porque quizeram ficar no anonimato. No entanto, respondo aqui ao que deseja saber: As crianças de que falei, um tem 1 ano e o outro nasceu há um mês. A todos muito obrigado. Agora vamos nomear encomendas desde Janeiro até à data. Coimbra uma manta. Lisboa 4 camisolas, dois casacos de dormir e um chale. Angola, 4 pegas e 2 pares de sóquetes. Lisboa, 1 manta e 4 pegas; «era tudo muito bonito e bem feito». Tomar 1 colcha em lã e algodão; «gostei muito dela e não será a última». Para a Companhia do Buzi em Moçambique 90 camisolas para os seus empregados.

dos. Valbom, 1 dúzia de pegas. Vila Nova de Foz Coa, 4 tapetes. Figueira da Foz, 2 chales, para mandar para América. Vejam onde já são conhecidos! Lisboa, 1 cobertor; «não é muito bonito mas deve ser quentinho, e é isso que interessa». Barreiro, 1 conjunto em lã para bebé. Almegue, 2 dúzias de pegas e sóquetes. Castelo Branco, 2 mantas. Do Porto, 1 chale a enviar para o Calvário. Tentúgal, 2 capas e 2 cascos. Lisboa, 1 chale e 1 tapete. Porto, 2 capas. Novamente Lisboa, 2 chales, camisolas, pegas e sóquetes. Cabeceiras de Basto, 2 pares de sóquetes. Para Alfândega da Fé, 1 chale. Dos que nos enviam mensalmente alguma coisa, tudo tem sido recebido. São todos de Lisboa, estes nossos Amigos. É pena que outros não lhes sigam o exemplo, para juntar mais depressa o dinheiro para o conserto desta casa, que pede urgência, pois todas as nossas economias são para esse fim. Espero, pois, a vossa ajuda. Se precisarem de telefonar é favor tomar nota do número 95142, rede de Cête

Maria Augusta





Li há dias na revista «Missões e Missionários», a propósito do número assustador de apostasias na África Central, que «talvez a causa esteja na inadaptação do Catolicismo (tal como é apresentado — acrescento eu) à mentalidade africana». «O homem africano tem apetências e valores muito diferentes do europeu. Quando pensa, pensa à africana; quando reage aos problemas da vida, fá-lo à africana; quando se preocupa com a religião, preocupa-se à africana; quando quer ser católico, quer sê-lo à africana.

(...) Não precisarão os missionários católicos de encarnar o Catolicismo em tradições e filosofias africanas?»

Tenho-o pensado muitas vezes. Senti-o há dez anos, quando pisai a primeira vez aquelas terras de fascínio. E sempre me pareceu passar por aqui a explicação de uma certa ineficácia da missão.

O Mestre é só um. Como fez Ele quando veio ao mundo para o salvar? Fez-Se homem, em tudo igual aos homens do seu tempo e do país em que nasceu — em tudo, menos no pecado. Falou na língua do Seu povo. Actuou dentro dos esquemas de vida do Seu povo. Ele mesmo declarou: «Não vim abrogar, mas completar». O complemento é, justamente, a transcendência do particular ao universal; a abertura a todos «os homens de boa vontade» dos dons até então considerados exclusivo daquele povo. E na medida em que o Seu povo não estava disposto a esta abertura, à partilha do que, em promessa para todos os homens, ele guardara e conservara ao longo dos séculos, Jesus foi causa de escândalo e encontrou nos seus a primeira resistência à difusão da Boa-Nova que trazia do Pai.

Como seria o Evangelho se Jesus tivesse nascido noutra la-

# África

do, naquele tempo? Como seria se Ele voltasse a nascer hoje, em África por exemplo?

Com certeza que tudo quanto Jesus dissesse e fizesse se poderia resumir num só preceito: «Amarás ao Senhor teu Deus, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e ao teu Próximo, como Eu te ame». Mas todo o género literário seria diferente.

E no entanto, Jesus, se nascesse hoje, em África por exemplo, viria como veio, para todos os homens, de todos os lugares e de todos os tempos. Os missionários vindos de lá, teriam de despir-se do que é accidental e de revestir-se das formas dos povos a quem se dirigissem para que estes entendessem a súpula universal

de tudo quanto Jesus disse e fez: o Amor. Ai de nós europeus, se as parábolas fundadas na sabedoria popular do centro de África, nos não fôssem traduzidas em parábolas inteligíveis à nossa civilização! Não entendíamos... Acontecer-nos-ia como lhes acontece (segundo se lê na revista já citada): «Quando o africano se apercebe de que a sua cultura, os seus actos e costumes são substituídos por importações estrangeiras, ficam decepcionados.»

Toda a obra de elevação humana implica prévia encarnação. Já não se concebe a benemerência do que estende a mão para elevar. Todos somos irmãos, filhos do mesmo Pai e responsáveis na partilha da Herança proporcionalmente aos

dons que recebemos. Aquele que foi chamado a levar a mensagem evangélica — ai dele se a não levar! Não tem, portanto, outro ponto de partida, nem outro farnel para o caminho, que não seja «in spiritu humilitatis». Mandado aos outros para estender a mão e elevar, tem de descer primeiro até eles, aprender a sua linguagem, apreender o que nos seus costumes é conforme ou capaz de conformidade com a essência da Boa Nova que lhes leva e aceitar os acidentes não opostos à essência, não impôr os seus.

Será nesta perspectiva que têm agido aqueles que missionam e colonizam?

«Um catolicismo inadaptado carece de Fé» — continua o artigo referido. E «a Fé deve ter raízes em valores profundos. A Fé busca a inteligência. Fé que não tenha raízes na filosofia, não passará de uma piedade invertebrada...», que geralmente acaba no pior.

E o que se diz do Catolicismo creio que é bastante válido a respeito de todo o esforço de promoção.

# LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

que temos outro desde o início com a tarefa de chegar todos os materiais necessários às obras, com um camião oferecido para o mesmo fim. Ele pedra e areia, ele cimento e madeira — não tem parado. Temos também o carpinteiro para tudo quanto for preciso. Temos o serralheiro que está a chegar da Metrópole. Temos o escriturário para manter todo o movimento em dia e em ordem. Não prestamos contas, mas não as escondemos de ninguém. Temos o alfaiate e cozinheiro para que o pão e a roupa não falte a nenhum deles a tempo e horas. Temos ainda o rapaz idóneo a orientar e zelar a exploração agrícola, donde esperamos já este ano tirar fruto compensador de tanto que já demos à terra. É o Júlio quem dirige os seus cinquenta trabalhadores do campo. E mais um rapaz com o cuidado exclusivo dum tractor também oferecido que, por vezes, para fazer quanto é necessário em maré de sementeiras, anda a noite toda agarrado à máquina. São ainda mais os outros que me acompanharam da Metrópole e que têm sido a alma desta Casa enquanto os de cá vão dando os primeiros passos no trabalho disciplinado, na escola e nas boas maneiras. E tudo isto que oferecemos às crianças abandonadas de Moçambique. Não são promessas. «O objectivo da nossa paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela, dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei; marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem talher» — escreveu Pai Américo e continuamos nós a fazer, com a graça de Deus.

Padre José Maria

do Banco de Portugal, em Lisboa, 4.500\$. O da Caixa Textil, do Porto, 323\$. O da Panificação do Porto 165\$, 167\$ e 165\$. O da HICA 1.696\$10, 2 vezes.

As Casas para que vários concorrem continuam com pouca animação.

A Casa de N. Senhora do Carmo, recebeu 50\$ de Laura (que mandou outrotanto pré campanha dos 30.000×20\$...). A Casa de N. S.ª de Lourdes, 1.000\$, com a tristeza da doadora por se achar tão só. A dos Licenciados 50\$ de «dois velhos ditos». E três vezes mais do obreiro habitual, mais este «Desabafo — Explosão escolar (como agora se diz): Cada vez mais doutores..., mas menos arregados às ideias de Fraternidade, Altruísmo ou Caridade, como lhe queiram chamar. Paciência!»

E aqui nos ficamos, deixando para a próxima saída, os de todos os meses, mal-los das Casas a prestações.

Passou a Quaresma. Estamos a chegar à Ascensão com sua procissão das Ladainhas e bênção dos campos. E das que eu mais gosto. Ao percorrermos a terra que nos dará o pão, a gente leva, na esperança das sementeiras, toda a alegria da colheita.

É neste estado de espírito que eu saio sempre com esta procissão. Cada saída é um chamamento, uma multiplicação. O flozinho de água nunca seca. Mas quem dera se transformasse em torrente! É um mundo de famílias com sua casinha pronta a levar o telhado que assim nos faz desejar! Da última vez não aparece-

## Agora

ram os Avulsos. Eles aí vão agora. Um magote!

São 5 mil no Espelho da Moda. E 50\$ de um sacerdote das Beiras, «para dois ou três caibros». 500\$00 do ass. 7493: «Começo no primeiro do ano, para que me não esqueça e não esteja doente, para poder cumprir». O cumprimento refere-se a uma promessa de 200\$ por mês para fins diversos. 100\$ da Maria Margarida. Outros 5.000\$ da Av. da República em Lisboa. Cá ficamos à espera das novas notícias prometidas. 100\$ com a intenção de favorecer o «Pai de 11 filhos, que deseja separar os rapazes das raparigas». Metade do ass. 10250. De Eirós, 500\$. A Maria Helena, de Torres Novas, 200\$. Mil da ass. 28.818. 1.643\$ dos «Bairristas do Palácio». 20\$ de Lisboa. 50\$00 do Porto. E o mesmo. E dez vezes mais do Pombal. O mesmo de alguém.

Alto! Que coisa linda! O Pároco de S. Bento da Várzea e um grupo de paroquianosaju-



Mais um casamento. É o Natalino, que foi do Tojal.

## NOTA DA QUINZENA

Cont. da PRIMEIRA página

desta amorosa teimosia, enquanto pensamos, sem resposta definida, até que ponto seria lícito coagilos.

E a todos que tão fraternalmente acorreram com suas esmolas, eu peço que as suspendam em relação a este caso.

Esta contradição tem o seu aspecto positivo para nós. Ajuda-nos a penetrar nos mistérios da alma humana que tende a decair (ou cáu já) em estado de sub-humanidade. E mostra-nos, contra a ideia materialista do-

minante e demasiado simplista, que o dinheiro não resolve tudo.

O problema mais agudo que a «Nota da Quinzena» de 19 de Abril sublinhava não foi, aliás, a falta de dinheiro. A demasiada presença dele também agora seria má, porquanto convidativa ao estabelecimento da miséria — fonte de exploração, modo de vida. Já há tanto disso por aí, consequência de bondade feita mais de sentimento do que de inteligência!...

Deus permita que possamos dar melhores notícias daqui a 15 dias.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE